

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: ND-AM/Geral
Data: 08.02.92 Pg.: 205

Ciência e Tecnologia

PRÉ-HISTÓRIA

Língua indígena reconta o passado do continente

Pesquisadora tenta descobrir a língua-mãe falada pelos primitivos americanos

MARTHA SAN JUAN FRANÇA

Três mil anos antes que Pedro Álvares Cabral pisasse pela primeira vez em terras brasileiras, existiu na Amazônia um povo que conhecia a pesca, caçava animais de médio porte, como anta e porco do mato, sabia como preparar a mandioca e fazia vários tipos de cestas e vasos de cerâmica. Curiosamente, a reconstrução da história desse povo quase desconhecido está sendo tentada por uma equipe de linguistas e não só por arqueólogos, como se poderia imaginar. Os linguistas estudam os idiomas da família arauaque, para, a partir deles, tentar reconstituir o proto-arauaque, ou a língua-mãe falada originalmente na Amazônia.

Falavam arauaque os índios tainos, avistados por Cristóvão Colombo nas ilhas do Caribe e hoje totalmente dizimados. "A pesquisa ainda está começando", explicou a professora russa Alexandra Aikhenvald, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No ano passado, ela e o marido, Jean Pierre Angenot, também professor da UFSC, coordenaram uma pesquisa no município de São Gabriel da Cachoeira, perto do Pico da Neblina, na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Esse local foi escolhido porque ali se cruzam, em busca de mantimentos, notícias e médicos, índios de várias tribos.

Dialeto — Em dois meses de investigação, foram gravadas 200 fitas de conversação com os índios. "Alguns idiomas são falados apenas por um sobrevivente, outros por algumas dezenas de velhos", disse Alexandra. A equipe conseguiu

resgatar 11 dialetos — as variedades regionais de uma língua —, alguns deles julgados extintos. "Ainda é pouco", explicou Alexandra. "Na região de São Gabriel da Cachoeira, os 20 mil índios falam cerca de 30 línguas de pelo menos cinco famílias diferentes."

A etapa seguinte foi comparar os dialetos para formar uma árvore genealógica dos idiomas. O arauaque está hoje reduzido no Brasil apenas à Amazônia, mas já foi falado desde a Flórida, nos Estados Unidos, até o Paraguai.

"A América do Sul é o maior laboratório do mundo para o estudo das línguas", explicou Alexandra, de 34 anos, que, além dos dialetos indígenas, fala perfeitamente português, inglês, francês, russo, alemão, hebraico, lituano, idiche e mais meia dúzia de idiomas. Ela acredita que, juntando o resultado das pesquisas que estão sendo feitas no Brasil — não apenas de reconstituição do arauaque, mas também das famílias jê e tupi — com estudos comparativos feitos em outros países do continente, será possível fazer uma reconstituição parcial das línguas faladas pelos primitivos americanos.

Conclusões ousadas — Alexandra disse que ainda é cedo para conclusões ousadas, mas ela acredita que são boas as chances de o proto-arauaque ter sido a língua de um povo que habitou a Amazônia há 6 mil anos, conforme indicam achados arqueológicos recentes — sobretudo peças de cerâmica —, em escavações na região de Santarém (PA) feitas pela pesquisadora americana Anna Roosevelt, do Museu de História Natural de Chicago.



Árvore genealógica

Alexandra fala em arauaque: em busca dos dialetos perdidos na Amazônia

Idiomas nativos estão desaparecendo

NOVA YORK — As línguas indígenas estão desaparecendo muito rapidamente, alerta o pesquisador Michael Krauss, diretor do Centro de Línguas Nativas do Alasca, em Fairbanks em um artigo no jornal *The New York Times*. Ele calcula que 300 das 900 línguas indígenas das Américas correm o risco de extinção, ou seja, elas não são mais faladas pelas crianças e podem desaparecer na próxima geração.

Krauss exemplifica com a situação do Alasca, onde das 20 línguas nativas, apenas duas estão sendo ensinadas aos mais jovens.

Na tentativa de preservar a diversidade linguística dos povos do continente, antropólogos e linguistas norte-americanos e mexicanos estão encorajando experiências de alfabetização nos idiomas ameaçados. A idéia, segundo Jesus Salinas Pedraza, profes-

sor de um centro literário de Oaxaca, no México, é incentivar os falantes a escrever suas histórias, crenças religiosas e conhecimentos. Ele mesmo deu o exemplo: com auxílio de um microcomputador, Salinas que fala tanto espanhol como nahñu, uma das 56 línguas existentes no México, escreveu o primeiro livro em nahñu, além da Bíblia, que havia sido traduzida pelos missionários religiosos.

Pesquisas são feitas no Xingu

CAMPINAS — Existem 17 línguas sendo faladas no Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso, pertencentes a quatro grandes famílias: tupi, jê, arauaque e caribe, além do idioma isolado trumai. Algumas dessas línguas são faladas por agrupamentos de apenas dezenas de pessoas. O resgate dessas línguas começou há apenas quatro anos, devido a um projeto da pesquisadora Luci Seki, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O estudo, que ainda deve demorar quatro anos para ser concluído, pode contribuir para a retomada dos idiomas pelos índios e para conhecer melhor a história desses povos que, sem escrita, as transmitem oralmente de pai para filho. "Essa pesquisa é importante porque as formulações teóricas se baseiam em línguas predominantes indo-europeias e os idiomas indígenas não são considerados", explicou Luci, mineira de 52 anos que fez mestrado e doutorado na Universidade Amizade dos Povos de Moscou.

A pesquisadora está montando um alfabeto camaiurá, da família tupi, que desperta muito interesse na própria tribo. Quase todas as línguas indígenas, segundo Luci, correm o risco de desaparecer tanto pela extinção física dos falantes, como pela influência do português ou de línguas gerais predominantes.

Mônica Zarattini/AE